



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARRAIAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GABRIELE VIEIRA AQUINO**

**ANTONY E O AUTISMO: (IM)POSSIBILIDADES DE UMA CRIANÇA DURANTE O  
ENSINO REMOTO**

**Arraias, TO  
2022**

**Gabriele Vieira Aquino**

**Antony e o autismo: (Im)possibilidades de uma criança durante o ensino remoto**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário Sérgio Jacintho Leonor - Arraias para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisabete da Silveira Ribeiro

Arraias, TO  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A657a Aquino, Gabriele Vieira.  
Antony e o autismo: (Im)possibilidades de uma criança durante o ensino remoto. / Gabriele Vieira Aquino. – Arraias, TO, 2022.  
46 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2022.

Orientadora : Elisabete da Silveira Ribeiro

1. Autismo. 2. Inclusão. 3. Educação. 4. Ensino remoto. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**Gabriele Vieira Aquino**

**Antony e o autismo: (Im)possibilidades de uma criança durante o ensino remoto**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de licenciatura em Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de pedagoga e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elisabete da Silveira Ribeiro (Orientadora)  
Universidade Federal do Tocantins

---

Prof. Dr. Janaina Santana da Costa, UFT.

---

Prof. Dr. Luciana Pereira de Sousa, UFT.

Primeiramente à Antony, minha mãe e todos aqueles que enfrentaram as mesmas dificuldades que nós.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que graças aos seus propósitos entrei na faculdade e estou finalizando o curso de Pedagogia.

Sou grata também a minha família, principalmente a minha mãe que sempre me incentivou e me apoiou desde o início.

Agradeço a todos os meus colegas que foram ímpares nesse processo, em especial ao Luiz Felipe de Castro Varanda, que foi a minha dupla e o meu braço direito durante todo o curso.

Aos professores que foram essenciais, em especial a minha orientadora Dr<sup>a</sup> Elisabete da Silveira Ribeiro, por toda paciência, cuidado e dedicação ao me orientar.

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou compreender o processo de aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista no ensino remoto, bem como analisar as (im)possibilidades dessa criança no desenvolvimento das atividades durante esse período. Com esse propósito, foi utilizado como método de produção de dados: a entrevista aberta e a observação do processo de aprendizagem de Antony durante o ensino remoto. Com base na produção de dados nota-se que o menino e a família enfrentaram infinitas dificuldades em tempos remotos, bem como, o quanto a falta de um Atendimento Educacional Especializado foi prejudicial para o seu aprendizado. Por fim, através da pesquisa foi possível confirmar o déficit de profissionais especializados para atender crianças com TEA. Percebemos que foi um processo desafiador. A mudança de ambiente, do ensino presencial para o remoto, desestabilizava Antony. Joana, mãe do Antony, não sabia como lidar com a situação, se via perdida. Sem saber como faria para o menino perceber que aquelas atividades remotas, também eram aulas e que ele precisava participar. Algumas atividades lhe chamavam a atenção, mas a maioria não o interessavam. Para realizar a fundamentação teórica, dialogamos principalmente com Ariès (1981), Grandin (2006) e Baptista e Bosa (2002).

**Palavras-chaves:** Autismo. Inclusão. Educação. Ensino remoto.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender el proceso de aprendizaje de un niño con Trastorno del Espectro Autista en la enseñanza a distancia, así como analizar las (im)posibilidades de este niño en el desarrollo de actividades durante este período. Para ello se utilizó el siguiente método de producción de datos: la entrevista abierta y la observación del proceso de aprendizaje de Antony durante la enseñanza a distancia. Con base en la producción de datos, se advierte que el niño y su familia enfrentaron infinitas dificultades en tiempos remotos, así como la falta de un Servicio Educativo Especializado perjudicó su aprendizaje. Finalmente, a través de la investigación, fue posible constatar el déficit de profesionales especializados para la atención de niños con TEA. Nos dimos cuenta de que era un proceso desafiante. El cambio de ambiente, de la enseñanza presencial a la remota, desestabilizó a Antony. Joana, la madre de Antony, no supo cómo afrontar la situación, se sentía perdida. Sin saber cómo haría que el niño se diera cuenta de que esas actividades remotas también eran clases y que necesitaba participar. Algunas actividades le llamaron la atención, pero la mayoría no le interesaron. Para realizar la fundamentación teórica dialogamos principalmente con Ariès (1981), Grandin (2006) y Baptista y Bosa (2002).

**Palabras claves:** Autismo. Inclusión. Educación. Enseñanza Remota.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Labirinto	26
Figura 2: A família na expectativa da espera com Joana grávida de Antony	26
Figura 3: Joana e Oziel grávidos do Antony	27
Figura 4: Nascimento do Antony (2016)	28
Figura 5: Alguns dias após o nascimento do Antony	28
Figura 6: Antony	29
Figura 7: Antony na incansável busca pelo diagnóstico	30
Figura 8: Antony brincando com as tintas	31
Figura 9: Antony brincando com o Ábaco	33
Figura 10: Imagens de Antony na escola	34
Figura 11: Imagens de Antony realizando atividades práticas durante a pandemia	38
Figura 12: Antony realizando atividades do ensino remoto	38
Figura 13: Antony realizando atividades do ensino remoto	39
Figura 14: Antony realizando atividades do ensino	39
Figura 15: Joana com Antony	40

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TEA	Transtorno do Espectro Autista
AEE	Atendimento Educacional Especializado
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1.1</b>	<b>Trajetória da pesquisadora</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEORICA</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Educação Infantil</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Transtorno de Espectro Autista</b>	<b>16</b>
<b>2.3</b>	<b>Educação Infantil e Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista</b>	<b>19</b>
<b>2.4</b>	<b>Educação em tempos de pandemia - Ensino remoto</b>	<b>21</b>
<b>2.5</b>	<b>Criança com TEA no ensino remoto</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>23</b>
<b>3.1</b>	<b>Antony</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>PRODUÇÃO DE DADOS</b>	<b>26</b>
<b>4.1</b>	<b>Primeiro labirinto – Nascimento</b>	<b>26</b>
<b>4.2</b>	<b>Segundo labirinto - Laudo</b>	<b>29</b>
<b>4.3</b>	<b>Terceiro labirinto – Entrando na escola</b>	<b>33</b>
<b>4.4</b>	<b>Quarto labirinto – Ensino remoto</b>	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>(IN)CONCLUSÕES</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno que ainda é pouco conhecido e compreendido. Já foi denominada como uma doença, mas passou da “condição de 'doença' com identidade definida e distinta dos quadros envolvendo problemas orgânicos para a de 'síndrome' (conjunto de sintomas)” (BAPTISTA; BOSA, 2002) e atualmente é conhecida como TEA (Transtorno do Espectro Autista), um espectro que se desenvolve na infância e interfere no desenvolvimento das crianças, na linguagem, na falta de interação social, na dificuldade em fixar os olhos, entre outras, ou seja, principalmente na comunicação e na interação social.

Conhecendo tais dificuldades esta pesquisa foi pensada, com base nas reflexões sobre a necessidade de investigar e problematizar acerca do desenvolvimento e desempenho de uma criança autista especialmente no ensino remoto, analisando suas dificuldades, impossibilidades e desafios enfrentados, pensando ainda nas propostas de práticas realizadas, ou não, para a aprendizagem integral dessa criança.

Sabendo de todas as limitações das pessoas autistas e, por se tratar de um ensino remoto de caráter emergencial, que passou a acontecer em função da pandemia da Covid-19, pois antes desse evento o ensino ocorria de modo presencial. Mas, precisou ser mudada para um ensino a distância, no qual não houve uma preparação, as crianças estavam acostumadas com a interação docente na sala de aula, com o ensino remoto essa interação não acontecia, não havia mais o acompanhamento presencial. Para uma criança com autismo essa mudança intensa é ainda mais complexa, visto que além da presencialidade na aula regular precisam de atendimento educacional especializado em Sala de Recursos.

Diante disso, nos desperta questionamentos acerca de como ocorreu o ensino/aprendizagem de uma criança autista no ensino remoto, quais foram às impossibilidades e desafios dessa criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) para realização das atividades nessa modalidade de ensino? Será que foram desenvolvidas estratégias de aprendizagem para inclusão dessa criança no ensino remoto?

Mediante o exposto o objetivo dessa pesquisa é compreender como se deu o processo de aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista no ensino remoto, investigando o seu perfil e analisando a inclusão escolar dessa

criança. Escolheu-se como metodologia *História de vida*, pois nos propomos a contar mais sobre a vida de Antony junto com a sua família, além de problematizar suas vivências frente ao ensino remoto. Este texto está organizado do seguinte modo: *Introdução*, que busca inserir o leitor ao texto, *Fundamentação teórica* que apresenta a trajetória da pesquisadora, discute Educação Infantil, Transtorno de Espectro Autista, Educação Infantil e Inclusão, Educação em tempos de pandemia e Criança com TEA no Ensino Remoto, a seguir apresentamos a *Metodologia e Produção de dados*, por fim apresentamos nossas *(In)conclusões*, já que este é um assunto muito amplo para concluir com um Trabalho de Conclusão de Curso. Esperamos que a sua leitura de nosso texto possa lhe causar mais indagações e interesse acerca do Transtorno de Espectro Autista. Boa leitura!

### **1.1 Trajetória da pesquisadora**

Esta pesquisa é sobre a história de vida de uma criança autista, meu irmão, bem como sobre a minha história e a da minha mãe, já que nossas vidas estão imbricadas. Minha mãe desde que meu irmão era um bebê percebeu que ele tinha algo diferente dos outros bebês. Um dos primeiros sinais, que fez ter essa preocupação, foi o choro, que era muito diferente das outras crianças, um choro desesperador e permanente. Desde então, passou a pesquisar e, conforme ele foi crescendo, algumas características passaram a ser mais visíveis, como por exemplo, o atraso na fala, o jeito de se comunicar, a falta de interação social e a não fixação nos olhos. Ela viu nas pesquisas que as características dele estavam cada vez mais próximas às de outras crianças com autismo.

Assim, quando ele tinha por volta dois 2 ou 3 anos de idade, ela o levou ao neurologista para saber de um especialista se realmente ele tinha autismo ou se era algum outro tipo de deficiência, assim foi diagnosticado o autismo. Apesar de já suspeitar, ela ficou impactada, sem saber como lidar, o que iria fazer a partir desse diagnóstico. Antes do resultado, eu, assim como outras pessoas da família diziam, que “*não era nada*”, “*cada criança desenvolve de um jeito*”. Mas, veio o diagnóstico. E, percebemos que o autismo se confirmava.

Porém, eu ainda demorei a realmente acreditar que era autismo, apenas depois de consultas com outros neurologistas e psicólogas que realmente a ficha caiu. O não acreditar era simplesmente por achar que ele parecia uma criança “normal”, e aquela frase “*cada criança desenvolve de um jeito*”. Minha reação se deu

por falta de conhecimento do autismo. Mas, aceitei essa condição dele e posso afirmar que tenho orgulho de ser irmã do Antony.

Minha mãe e eu, apesar do susto com o diagnóstico, nunca deixamos de amá-lo incondicionalmente. Desse modo, ela, desde o primeiro diagnóstico, assim que retornamos à nossa cidade, (já que não contamos com esse atendimento médico no local, precisamos nos deslocar à Goiânia), buscou todo o acompanhamento que meu irmão precisava. Dentre esses, destaco, psicólogo, fonoaudiólogo, aula de natação, entre outros. Porém, em nossa cidade não tem metade do que foi solicitada pelo especialista e muito menos uma escola com Atendimento Educacional Especializado (AEE), aí veio à preocupação, pois não podíamos mudar para uma cidade que possui esses recursos, já que minha mãe cuida da minha avó e da minha tia que é esquizofrênica, então ficamos desesperadas.

A única solução foi fazer os acompanhamentos que tinham na cidade, iniciou com psicólogo, fonoaudiólogo e a aula de natação na cidade vizinha, ao mesmo tempo passou a estudar na creche, mesmo sem atendimento especializado. Todavia, veio à pandemia e foi mais uma preocupação não só com os acompanhamentos com os profissionais, mas também com a escola, sendo que as aulas passaram a acontecer remotamente.

Desse modo, durante o ensino remoto pude perceber que as dificuldades dele eram diversas, apesar de haver um acompanhamento online. Além da professora regente havia a professora da sala de recursos, na qual tinha o grupo da turma regular e um grupo à parte da sala de recurso com as duas professoras e a mãe de Antony. Porém, este atendimento não era AEE, já que as docentes não tinham a especialização exigida para Atendimento Educacional Especializado.

Embora elas estivessem sempre dispostas a ajudar, sempre preocupadas com a aprendizagem dele, por não terem muito conhecimento sobre o autismo, não sabiam muito que fazer. As atividades eram divididas em dois blocos, da sala de recurso e da turma regular. Ele se interessava mais por algumas atividades, que eram poucas, principalmente as de colorir com tinta e algumas brincadeiras. Outras estavam fora do alcance dele conseguir realizar, assim, não manifestava interesse como, por exemplo, a de interpretação de texto e escrita, entre outras.

Dessa forma, a aprendizagem dele foi insuficiente, as professoras, mesmo sem muito conhecimento na área, iam tentando, buscando formas de ajudá-lo. Isso

evidencia a necessidade de Atendimento Educacional Especializado em todas as escolas para que os professores possam ser orientados e agirem juntos em prol da educação da criança com autismo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Educação Infantil

A escola é um espaço de ensino/aprendizagem, no qual permite a convivência com outras crianças, a troca de conhecimento. Mas, por muito tempo as crianças não tiveram acesso à educação, esse espaço era inexistente, não havia essa ideia de educação infantil, elas eram vistas apenas como um adulto em miniatura, portanto não tinham infância reconhecida e muito menos participação na sociedade.

Nas palavras de Ariès (1981, p. 156), no período da Idade Média, não havia o sentimento da infância, mas não significava que elas eram desprezadas ou abandonadas. E esse sentimento não é o mesmo que afeição, mas, se trata da compreensão da particularidade da criança, a qual a diferencia do adulto. Naquela época essa percepção era inexistente. Por isso, quando a criança não precisava mais depender da sua mãe, ela adentrava na sociedade, sem se diferenciar dos adultos.

Todavia, em meados do século XIV, a infância passa a ser notada. Nesse interim, de percepção do sentimento de infância, pensou-se na necessidade de escolas, por isso Ariès (1981, p. 169) explica que

a partir do século XV, [...] pequenas comunidades democráticas tornaram-se institutos de ensino, em que uma população numerosa [...] foi submetida a uma hierarquia autoritária e passou a ser ensinada no local. Finalmente, todo o ensino das artes passou a ser ministrado nos colégios, que forneceriam o modelo das grandes instituições escolares do século XV ao XVII, os colégios dos jesuítas, os colégios dos doutrinários e os colégios dos oratorianos: o colégio do Ancien Régime, mais distante dos primeiros colégios de bolsistas do século XIV do que de nossos colégios de hoje, diretamente anunciados por ele apesar de diferenças importantes, e, sobretudo, da ausência de internato.

No entanto, os alunos de idades diferentes ficavam em uma mesma sala. À vista disso, Ariès (1981) aponta que a evolução das escolas surgiu juntamente com esse sentimento de infância, pois antes era aceito essa mistura de idades. Mas, com o passar do tempo, criou-se uma resistência, inicialmente pensando nas crianças menores, que foram os primeiros a serem separadas.

No que concerne à educação infantil, Paschoal e Machado (2009) revelam que, as primeiras creches começaram a surgir somente por volta do século XIX e, no Brasil em meados do século XX, devido à necessidade das mães que trabalhavam e



as viúvas desamparadas que não tinham com quem deixar as suas crianças. Por isso, elas tinham um caráter assistencialista, ou seja, as mulheres que cuidavam dessas crianças eram apenas para ajudar as mães e não havia nenhum tipo de conteúdo a ser aplicado.

Principalmente nas décadas de 1950 e 1960, em que as mulheres inserem-se mais no mercado de trabalho, efetivam-se reivindicações de creches para seus filhos. A partir dessas lutas e de alguns períodos de políticas públicas, voltadas à criança, atualmente a infância é mais valorizada. As crianças passaram a ter direito à educação, com as leis que foram sancionadas, assim como dispõe no art. 205 da Constituição Federal/1988, que garante o acesso à educação.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Após a legalização da Constituição Federal as crianças passaram a ter acesso à educação. Em contrapartida à educação infantil, só se tornou obrigatória após a emenda constitucional na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) da lei nº 9.394/1996 que dispõe,

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:  
I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma:  
a) pré-escola;  
b) ensino fundamental;  
c) ensino médio; (BRASIL, 1996)

Após todas essas lutas, a evolução da escola, a compreensão do sentimento de infância que foi mencionado por Ariès (1981) e o movimento de mães e professoras que lutaram para garantir a educação infantil, obtivemos a conquista da Lei 13257, que foi sancionada em 2016 e revela em seu artigo 5º que,

Art. 5º Constituem áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância a saúde, a alimentação e a nutrição, a educação infantil, a convivência familiar e comunitária, a assistência social à família da criança, a cultura, o brincar e o lazer, o espaço e o meio ambiente, bem como a proteção contra toda forma de violência e de pressão consumista, a prevenção de acidentes e a adoção de medidas que evitem a exposição precoce à comunicação mercadológica. (BRASIL, 2016)

Em vista disso, atualmente a educação infantil é reconhecida como fundamental, bem como Vasconcelos (2016) afirma que, após entenderem a importância do desenvolvimento infantil, hoje as creches são espaços que oferecem educação para as crianças, auxiliando no seu desenvolvimento psicológico e na construção do processo cognitivo. O autor (2016) ainda ressalta sobre o papel da escola,

[...] a função das escolas de Educação Infantil é de proporcionar às crianças condições de amplo desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, motoras e sociais. A escola deve oferecer um ambiente estimulador, seguro, ativo, interativo e afetivo, em que a criança possa encontrar as condições ideais para desenvolver seu corpo e suas capacidades cognitivas e sociais, e os professores devem compreender minimamente os processos de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças. (VASCONCELOS, p. 40, 2016)

Portanto, cabe destacar que a criança precisa da convivência, da relação com outras crianças, pois auxilia no seu desenvolvimento, ela aprende muito entre pares. Por isso, é importante o professor aproveitar essa fase de crescimento da criança, na qual ela tem mais facilidade de aprender, e está mais disposta, pois é uma fase de curiosidades, está começando a descobrir tudo ao seu redor.

E é importante frisar que as crianças aprendem melhor brincando, portanto, na educação infantil o docente precisa trabalhar com propostas lúdicas, com brincadeiras, atividades que ajudam a desenvolver a imaginação, pois essas práticas ajudarão no seu processo de desenvolvimento.

## **2.2 Transtorno de Espectro Autista**

Baptista e Bosa (2002) nos mostram pontos fundamentais, no que diz respeito à compreensão do autismo, nos fazendo perceber a falta de informação que temos de um tema tão importante. Segundo Baptista e Bosa (2002), Kanner (1943) e Asperger (1944) foram os primeiros autores a escrever sobre o autismo. Eles, na década de 1940, explicam o autismo, detalhando casos que acompanhavam. Conforme Bosa (2002, p. 23)

Kanner (1943) constatou, nas crianças que atendia, uma inabilidade no relacionamento interpessoal que as distinguia de outras patologias como a esquizofrenia: 'o distúrbio fundamental mais surpreendente, patognômico, é a incapacidade dessas crianças de estabelecer relações de maneira normal com as pessoas e situações desde o princípio de suas vidas' (p.242). Para Kanner, tal comprometimento fazia-se evidenciar pela dificuldade em adotar uma atitude antecipatória que assinalasse ao adulto a vontade de ser pego

no colo (ex.: inclinar o rosto, estender os braços e após, acomodar-se ao colo); um 'fechamento autístico extremo', que levava a criança a negligenciar, ignorar ou recusar tudo o que vinha do exterior.

Diante disso, nota-se que Kanner já havia observado os primeiros sinais de autismo. Baptista e Bosa (2002) ainda apontam o quanto é fundamental a educação inclusiva, o que nos faz questionar sobre a falta de recursos, bem como de formação dos profissionais essenciais para o trabalho efetivo com essas crianças e a aprendizagem integral destas.

O TEA pode ser diagnosticado desde bebê, antes dos três anos de idade, ou seja, não há como uma pessoa se tornar autista, ela nasce com autismo, pois se trata de uma questão genética. São pessoas que possuem principalmente um tripé de dificuldades comportamentais: sendo elas na área da interação social, da comunicação verbal ou não verbal. Estas áreas apresentam aspectos diferenciados em cada pessoa. O TEA é muito amplo e suas características bem variadas, inclusive de intensidade. Desse modo os autistas não são iguais, cada um possui singularidades que variam dentro do espectro, influenciadas pela cultura mais ampla e, principalmente, pela cultura local. Zanon, Backes e Bosa (2014) explicam que

O TEA é uma condição que tem início precoce e cujas dificuldades tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo, ao longo de sua vida, ocorrendo uma grande variabilidade na intensidade de forma de expressão da sintomatologia, nas áreas que definem o seu diagnóstico. (Zanon, Backes e Bosa, p. 2, 2014)

Em vista disso, as crianças com TEA precisam de Atendimento Educacional Especializado, são crianças que possuem condições de aprender, mas apresentam necessidades específicas, desse modo devem permanecer em sala de aula regular com atendimento em contraturno por profissional do AEE, para que a criança não perca a possibilidade de conviver com estudantes não autistas, pois isto lhe promove maior amplitude de conhecimentos e possibilidade de diversificar o seu rol de relações. Este profissional colabora com a criança com autismo, bem como com o professor da sala regular. No entanto, nem todas as escolas oferecem esse atendimento. Cabe destacar ainda que nesse atendimento especializado é importante sempre fazer com que essas crianças se tornem autônomas, independentes, pois apesar da condição de autismo, são pessoas que, na maioria das vezes, têm capacidade para desenvolver atividades do cotidiano.

Outra característica do autismo é o interesse demasiado em algo, seja ele por objetos, personagem, animais, entre outros. O professor deve aproveitar esse interesse para desenvolver seu trabalho com estudante autista. Temple Grandin, uma renomada veterinária, norte americana que tem TEA, explica em seu artigo,

Crianças com autismo ou Asperger geralmente se fixam em uma coisa. O desespero pela fixação não adiantará; o aprendizado é melhor servido usando a fixação como ferramenta no ensino. Por exemplo, se uma criança gosta de trens, o professor deve considerar que a criança leia sobre trens e faça matemática com trens. (GRANDIN, p.231, 2006)

Ainda é necessário destacar que não se tem controle quanto às consequências em cada sujeito do autismo, mas é possível coordenar o espaço em que a criança está, em busca de um ambiente estimulante que irá auxiliar no seu desenvolvimento, nos aspectos comportamentais. E um dos principais ambientes que faz parte do cotidiano da criança, é a escola, portanto este deve ser um lugar instigante do conhecimento.

É importante lembrar também que existe uma lei que protege as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, a lei 12.764 que foi sancionada em 2012, pensando na proteção e direito delas. E, em seu art 3º trata dos direitos da pessoa com autismo,

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:  
I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;  
II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;  
III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:  
a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;  
b) o atendimento multiprofissional;  
c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;  
d) os medicamentos;  
e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;  
IV - o acesso:  
a) à educação e ao ensino profissionalizante;  
b) à moradia, inclusive à residência protegida;  
c) ao mercado de trabalho;  
d) à previdência social e à assistência social.

Muitas vezes esses direitos foram e ainda são negados. As escolas não aceitavam matrículas de crianças com TEA. Com a atual política de Educação Especial, instituída pelo decreto nº 10.502 de 2020, que desobriga a escola de aceitá-los com uma roupagem de “cuidados com a criança”, ainda sofrem com isso

nos dias atuais, pois o preconceito ainda está em nosso meio. Entende-se, por conseguinte, que a lei 12.764/2012, apresentava avanços e que através dela, as pessoas podiam recorrer denunciar em busca de seus direitos, de ter vida digna, de poder estudar em escola regular, com atendimento educacional especializado, de serem tratados como qualquer outra pessoa.

### **2.3 Educação Infantil e Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista**

Apesar de tantas conquistas com a educação infantil, das leis que garantem às crianças a participarem da sociedade e de terem acesso à escola, quando se trata de crianças com deficiência ou transtornos, a inclusão escolar até este momento enfrenta sérios problemas.

Como apontam Miranda, Faria e Pereira (2022) a exclusão pode acontecer de diversas maneiras, para além do preconceito, pode ocorrer por pura ignorância, no sentido de não conhecer as diversidades. Por isso faz-se necessário à inclusão escolar, onde os estudantes passam a conhecer e ter convívio com as diversidades humanas.

Essa pesquisa trata das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que têm o direito à inclusão escolar e que precisam de acessibilidade, assim como outras crianças com necessidades especiais, neste caso, principalmente no que se refere à comunicação. Todavia a inclusão plena ainda não acontece, o que faz com essas crianças passem por situações de sofrimento, principalmente por serem pouco conhecidas. Porém, apesar de não ser muito conhecido, é um transtorno bastante comum e que merece ter mais atenção.

Vasques (2008) faz menção à questão da procura de escolas regulares para crianças com autismo, que segundo ela, de acordo com pesquisa do INEP teve um aumento.

Os questionamentos relativos às possibilidades educacionais ganharam visibilidade a partir do movimento da educação inclusiva. Como efeito provável desse movimento, observa-se o crescimento da demanda por escolarização. Esse aspecto pode ser observado através das referências oficiais sobre a educação especial no Brasil. Segundo dados do INEP, no período de 2000 a 2002, houve um acréscimo de 18,7% nas matrículas escolares de alunos com psicose ou autismo infantil. Tal crescimento é superior ao total de matrículas efetivadas na educação especial no mesmo período (14,7%). Mesmo não informando sobre os processos educacionais, esse índice sugere uma maior procura pelo atendimento educacional por

parte desta população e uma maior aceitação das escolas. (VASQUES, p. 44, 2008)

Vale ressaltar que a escrita de Vasques foi realizada em 2008, nesse momento, como ela mesma constata a escolarização das crianças com autismo, em sua maioria, era realizada em escolas ou classes especiais, ou seja, separada das outras crianças, o que acarretava uma aprendizagem deficitária a essas crianças. Com o crescente aumento da procura de escolarização para crianças com TEA nas escolas regulares e com a lei da educação especial, promulgada em 2009, a matrícula em escola regular, também para esse público, passa a ser obrigatória. Esse é um grande avanço, no entanto se torna preocupante porque ainda há escolas que não possuem o AEE, o que faz com que alguns pais procurem um atendimento particular, fora da escola regular. Por isso, é necessário possibilitar essas formações, além de que o professor procure por essas qualificações por conta própria.

Dessa forma, compreende-se que a inclusão não acontece como deveria, é difícil efetivar as práticas inclusivas na sociedade e escola. A inclusão só acontece de fato na escola, quando pessoas com necessidades especiais convivem com outras pessoas não deficientes. Todavia, não está havendo inclusão plena nas instituições.

Iribarry (2002) faz menção à insegurança do professor que também sofre com o processo de inclusão da criança com autismo na escola e que é importante salientar,

O ensinante sente dentro de si um desespero que fica nomeado como *angústia*. Mas uma angústia muito específica. Medo e sensação de impotência diante da tarefa que lhe foi imposta: a inclusão do aprendente novo na sala de aula. Sua *compreensão* da situação o faz exigir um conhecimento e um saber sobre como lidar com esse desafio. (IRIBARRY, p. 74, 2002)

Dessa forma entende-se que a inclusão escolar, também, é desafiadora para o professor. Muitas vezes ele quer resolver a situação, mas não se sente em condições para tal tarefa. Por conseguinte, torna-se importante, para além de buscar especialização, é importante reunir com outros profissionais, principalmente na escola e com a família, bem como esporadicamente com o psicólogos, neurologistas, fonoaudiólogos, entre outros profissionais para troca de conhecimentos e potencialização da aprendizagem.

## 2.4 Educação em tempos de pandemia - Ensino remoto

Por termos vivido uma pandemia da Covid-19, que pegou a população mundial de surpresa e optando por não suspender a escolarização, convencionou-se dar continuidade à escolarização por meio do ensino remoto. O ensino remoto aconteceu em nível de caráter emergencial, Portanto, segundo Charczuk (2021) essa modalidade de ensino,

[n]ão pode ser considerada uma modalidade educativa, mas, sim, uma ação pedagógica, na qual se processa certa transposição do ensino presencial para o ensino mediado por ferramentas digitais, predominantemente, ou pela proposição de apostilas e materiais impressos remetidos aos alunos. (CHARCZUK, 2021, p. 4 e 5)

Em vista disso, a saída do espaço físico, o distanciamento social, afetou não só os professores, que tiveram que adaptar as suas metodologias e lidar com as novas tecnologias, na qual sabemos que alguns professores ainda apresentam limitações. Mas, também, a aprendizagem integral das crianças, principalmente aquelas com deficiência, pois, essa modalidade de ensino é mais complexa, em relação não apenas ao ensino/aprendizagem como também, o contato físico, que se torna impossível no ensino remoto. E “cabe destacar que a escola se configura para as crianças como um lugar próprio e de encontro com outras crianças, ao contrário da casa, lugar compartilhado com a família.” (CHARCZUK, 2021) Por isso, esse tempo foi tão complexo, já que as crianças precisam da convivência umas com as outras.

Miranda, Faria e Pereira (2022) declaram que, durante o ensino remoto, de modo geral as pessoas com deficiência tiveram bastantes dificuldades em realizar as atividades propostas, por isso a maioria acabou sendo afetada e não teve uma aprendizagem significativa.

As autoras ainda mencionam que nos tempos de ensino remoto, os pais tiveram que fazer o papel do professor, e auxiliar os filhos nas atividades. Por um lado foi essencial, pois foi uma forma de aproximar os pais da escola, já que a família também precisa fazer parte desse processo. Por outro lado, existem aqueles pais ou responsáveis que não conseguem fazer esse acompanhamento, muitas vezes por falta de conhecimento ou pela extensa jornada de trabalho. “Em suma, o

contexto do ensino remoto se coloca como emergência e desafio para todos os participantes da cena educativa nesse contexto de pandemia.” (CHARCZUK, 2021).

## **2.5 Criança com TEA no ensino remoto**

E essa aproximação só é possível e mais aconselhável que aconteça fisicamente, assim o docente irá conhecer melhor as possibilidades e impossibilidades desse aluno. Pois, assim como Ribeiro, Ribeiro (2016), destacam,

[p]ara dar conta de um atendimento adequado o professor, bem como a escola, deve trabalhar com um currículo flexível em que o estudante, com Transtorno do Espectro Autista, possa ter promoções ao invés de acumular fracassos. Para tanto, são necessárias adaptações e acordos nas diferentes áreas. E o mais importante é que a escola acredite que pode contribuir no desenvolvimento desse sujeito. (RIBEIRO, RIBEIRO, p. 51, 2016).

Nesse sentido, durante o ensino remoto foram criadas lacunas para o pleno desenvolvimento e aprendizado das pessoas com TEA. Foi um desafio passar por essa transição, de saída do espaço físico e inserção no espaço virtual, destacando-se que são crianças que possuem dificuldades com adaptação, mudança na rotina.



### 3 METODOLOGIA

Essa pesquisa será realizada de cunho qualitativo, pois ela não necessita de quantificar dados, ou seja, não se apresenta com expressões numéricas, mas sim para analisar e compreender os fatos, os fenômenos. Assim como Minayo (2012) afirma acerca da pesquisa qualitativa,

[o] verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere. (MINAYO, 2012, p. 623)

Esse trabalho será baseado na metodologia História de Vida. Neste caso, de uma criança autista, meu irmão, bem como de sua família. Tendo conhecimento das dificuldades e desafios que uma pessoa autista enfrenta. Ademais, durante o ensino remoto, as dificuldades podem se tornar ainda maiores.

Em vista disso, nesta pesquisa buscaremos conhecer e compreender a respeito do ensino/aprendizado em tempos remotos como (im)possibilitador de novos conhecimentos, bem como entender o processo de aprendizagem de uma criança autista, levando em consideração as aulas remotas, ocorridas devido à pandemia da Covid-19, relatando experiências e vivências. Tendo consciência de que

toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos. (MINAYO, 2012, p. 623)

Portanto, a produção de dados será organizada de modo a refletir sobre as metodologias e/ou estratégias, utilizadas ou não, para aprendizagem dessa criança. Utilizando memória e entrevistas abertas e autobiográficas como produção de dados. As narrativas autobiográficas, pelas palavras de Delory (2014) “É o processo pelo qual nós ‘biografamos’ as situações e os acontecimentos da nossa existência, os quais podemos colocá-los em um formato e dar-lhes significado para torná-los recursos experienciais que eu tentarei descrever e analisar” (DELORY, 2014, p. 2). Portanto, tentarei descrever minuciosamente os acontecimentos e vivências que presenciei durante todo o percurso de Antony. Também questionamos: como foi o acompanhamento do Antony? Havia Atendimento Educacional Especializado? Como

ele se comportava frente às tarefas enviadas? Quais as tarefas eram mais difíceis de serem compreendidas/realizadas? Quais eram as melhores tarefas a serem realizadas?

Para responder essas questões, a produção de dados foi organizada em quatro labirintos<sup>1</sup>, sejam eles: do nascimento, laudo, entrada na escola e ensino remoto, pois o autismo ainda é uma incógnita.

A metodologia História de Vida foi a escolha dessa pesquisa, porque é um método que resgata e remete à memória pessoal, onde o pesquisador e o sujeito estão vinculados. Já foi um método bastante criticado, porém atualmente é bastante utilizado e considerado importante. Araújo et al (2016) cita Paulilo (1999) para falar da vantagem do método história de vida. Segundo o autor, a história de vida é um método que pretende compreender a vida pessoal de outras pessoas, onde o assunto é apresentado na ideia, visão da pessoa que vivenciou tal tema, permitindo a compreensão interna. E esse método é considerado significativo, pois, o ponto de vista, o interior da pessoa e o lado exterior a ele se cruzam.

Dessa forma, buscaremos nessa pesquisa relatar vivências, contando as experiências com e de Antony durante práticas escolares em tempos remotos. Apontando a necessidade de políticas públicas realmente inclusivas, para que crianças com TEA tenham mais possibilidades de inclusão na escola.

Esta é uma história com autoria e, por isso os sujeitos que a compõem aparecem, com todos os cuidados da normatização acadêmica e por opção, com seus nomes próprios.

### 3.1 Antony

O Antony é uma criança de 6 anos, apelidado por Tony, nasceu em Campos Belos – Goiás, mas mora em Arraias, no Tocantins. Ele foi para creche com 2 anos de idade e sempre frequentou escola pública. Antony é uma criança bastante alegre, ama brincar, assistir desenhos e jogos tecnológicos. O seu brinquedo preferido é o trem de ferro e, é apaixonado por caminhão, desde muito pequenininho ele amava todos os desenhos que tivessem trens, como por exemplo, *Bob o trem*, *Thomas e*

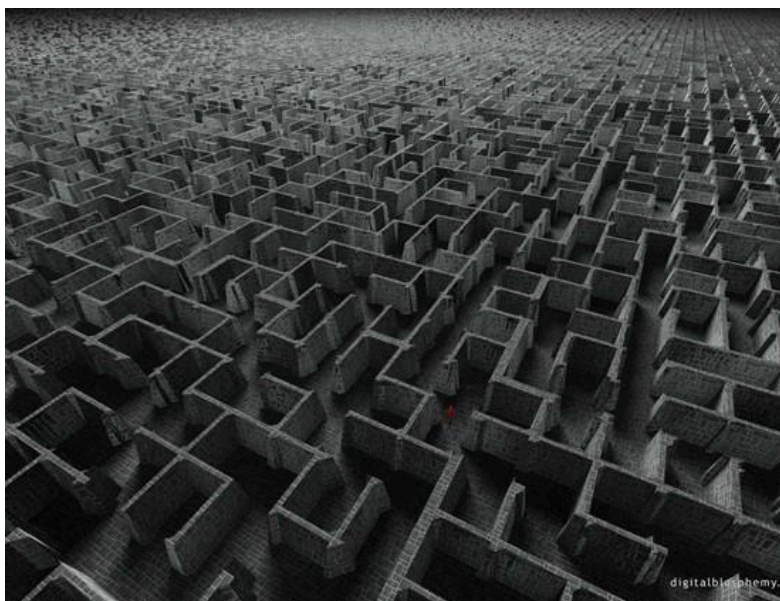
---

<sup>1</sup> Optamos por utilizar a metáfora dos labirintos, pois entendemos que o Transtorno de Espectro Autista é composto, ainda, por uma série de incógnitas, que nos colocam em verdadeiros labirintos, na busca de melhor compreensão e atendimento da pessoa que apresenta esse espectro.

*seus amigos*, entre outros. Hoje é, sem dúvida, seu brinquedo predileto. A sua melhor amiguinha é a Vitória. Vivem entre tapas e beijos, mas não ficam muito tempo longe. Adoram brincar juntos. É, também, uma criança que ama aniversários, porém as únicas delícias do aniversário que ele adora comer são pipoca e refrigerante. Detalhe precisa ser refrigerante preto. Em suas refeições, no dia a dia, sua comida preferida é a carne. Nesse ponto puxou a irmã, que ama um bife. Enfim, Antony é uma criança muito inteligente e é amado por aqueles que o conhecem.

## 4 PRODUÇÃO DE DADOS

Figura 1 - Labirinto



Fonte: digitalblasphemy(2013).

### 4.1 Primeiro labirinto – Nascimento

Figura 2: A família na expectativa da espera com Joana grávida de Antony



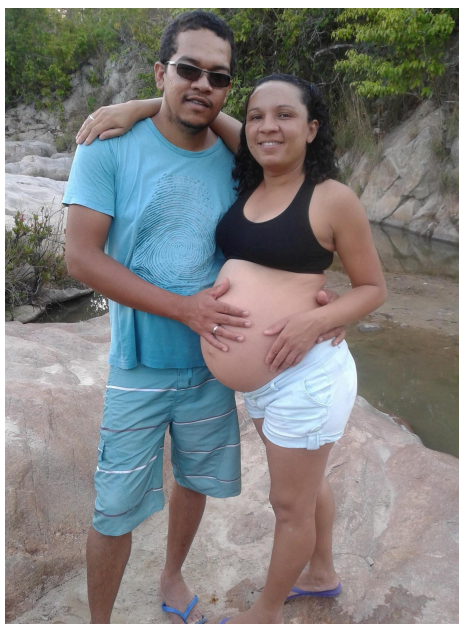
Fonte: Registro da autora (2016)

No primeiro labirinto, apresento os relatos da mãe de Antony acerca da sua gravidez e nascimento do menino. Joana conta que teve uma gravidez bastante tranquila, sem enjoos, sem nenhuma anormalidade. Ela relata ainda que foi uma gravidez inesperada, pois não pensava mais em ter filhos, mas conheceu o pai do

Antony, que não tinha filhos. Lembra que já usava anticoncepcional há 16 anos, mas decidiram parar de usar o medicamento e conversavam entre eles e concluíam “se vier um filho tudo bem, se não vier também tudo bem”. Joana já estava com 34 anos. Pensou que poderia não engravidar mais, porém com 2 meses sem o anticoncepcional, engravidou do Antony. Ela relata,

<sup>2</sup>[...] no começo foi assim uma sensação, uma mistura, né? Entre felicidade e aquelas dúvidas que mãe sempre tem, de começar tudo de novo e... [fica pensativa] Mas, isso foi só no primeiro momento, a partir daí foi só curtir, porque na gravidez da minha primeira filha, eu não curti muito, porque era muito nova, na dele eu já era madura, foi uma gravidez muito apreciada, muito feliz.

Foto 3: Joana e Oziel grávidos do Antony



Fonte: registro da autora(2016)

Antony sempre teve o pai muito presente, desde a gravidez, até o atual momento, mesmo morando em uma cidade vizinha. Joana relata que

*o pai do Antony foi sempre muito presente, apesar dele trabalhar em uma cidade diferente, em todas as folgas ele está presente. Acompanhou toda gravidez, acompanhou as consultas. Não todas, porque nem todas ele podia estar, mas acompanhou a gravidez como um todo, acompanhou o parto e acompanha até hoje. Ele é um pai muito presente, assim... ele [Antony] não*

---

<sup>2</sup> Optamos por apresentar as falas da mãe de Antony neste estilo.

*tem, graças a Deus, falta da figura paterna. [O pai sempre foi] muito presente sempre, sempre, é... e sempre foi.*

O nascimento do Antony também foi bastante tranquilo e festejado, segundo Joana, o “*Antony nasceu de 39 semanas, pesando 2,7 kg, medindo 49 centímetros e nasceu de parto cesáreo, sem nenhuma intercorrência, parto foi de acordo com a normalidade da cesariana.*”, ou seja, uma criança muito saudável desde o nascimento.

Figura 4: Nascimento do Antony (2016)



Fonte: Registro da autora (2016)

Figura 5: Alguns dias após o nascimento do Antony



Fonte: Registro da autora (2016)

Nos primeiros dias, após o nascimento de Antony, Joana ainda não suspeitava de nada, segundo ela foi “*tranquilo*”, durante esses dias. Entretanto, conforme os dias iam passando, ela percebia que o seu choro era diferente do choro das outras crianças e começou a se preocupar. Em suas palavras

*Nos primeiros dias não, os primeiros dias foram normais, mas a partir de 6 a 10 dias, começaram os choros. Um choro estridente, muito forte. Tinha consciência de que criança chora mesmo por ter cólicas. Porém eu percebia que não era um choro só de cólica, não era só cólica, eu percebi que alguma coisa diferente tinha ali, só não queria... não conseguia identificar o que.*

Joana relata como é ser mãe do Antony. Segundo ela, é bastante desafiador, pois quando se torna mãe de autista, o outro dia será sempre uma surpresa, uma nova experiência. Ela conta, “*você não tem como pensar: ‘há o dia com Antony vai ser assim, assim, assim’. Não. É diferente. Cada dia é diferente, cada dia é uma conquista e cada dia tentando melhorar, para melhorar pra ele*”. Ademais, ela diz ainda que apesar dos desafios diários, é gostoso ser mãe do Antony e que ela aprende mais com ele, que ele com ela. Gabi, irmã de Antony, percebe esse cuidado, esse amor, a cada dia em casa, em cada detalhe e preocupação, sempre pensando no melhor para ele e seu desenvolvimento.

Figura 6: Antony



Fonte: Registro da autora (2017)

#### **4.2 Segundo labirinto – Laudo**

A partir daqueles choros estridentes, Joana passou a desconfiar que Antony pudesse ter algo, só não imaginava o que poderia ser, sendo assim, ela diz, “*eu desconfiava que tinha alguma coisa, mas, pensei que era alguma coisa física*”.

Somente quando Antony tinha por volta seis ou sete meses que ela começou desconfiar que pudesse ser Transtorno do Espectro Autista, pois os primeiros sinais começaram a surgir. Ela relata quais foram esses sinais iniciais que ela percebeu, observava que quando chamava ele não atendia “ *quando eu chamava ele e não me atendia. Ele não olhava. Não respondia. Ainda não falava mesmo, né? Só que ele não olhava, não atentava quando a gente chamava. E a gente chamava... chamava e ele não respondia, não esboçava nenhuma reação.*” Esses sinais que ela percebeu mais tarde descobrimos que era a falta de interação social, que é uma das características do autismo.

Figura 7: Antony na incansável busca pelo diagnóstico



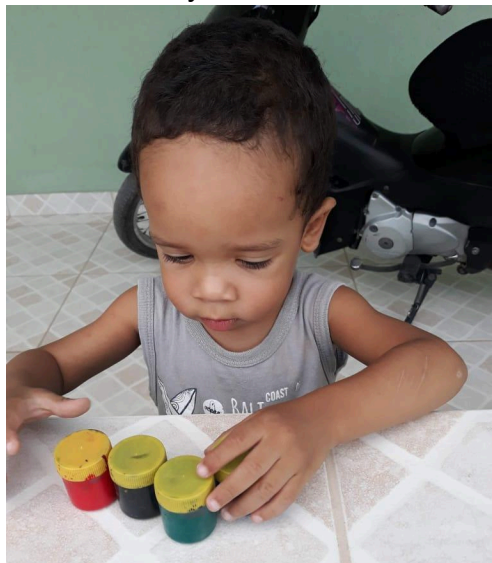
Fonte: Registro da autora (2019)

Outros indícios também percebidos por ela foi que sempre colocava os objetos ou brinquedos em filas, em suas narrativas ela diz

*Ele não dava tchau, você dava tchau pra ele. Ele dava tchau ao inverso, ao invés de balançar a mão no sentido contrário, ele balançava para baixo e enfileirava as coisas. Tudo ele enfileirava, percebia algo estranho essas atitudes, além do fato de chamar e ele não atender.*



Figura 8 - Antony brincando com as tintas



Fonte: Registro da autora (2019)

A partir desse momento, após notar os primeiros indícios, uma das reações da mãe de Antony foi pesquisar sobre o autismo e levá-lo ao pediatra. Todavia, o médico lhe dizia que o menino não tinha nada. Entretanto, Joana que convive diuturnamente com Antony e, ficava inquieta, pois percebia as dificuldades do filho. Segundo a narradora, seu instinto de mãe dizia que tinha algo diferente. Continuou a pesquisar e notou que Antony apresentava muitas características de autismo.

Aos três anos de idade o Antony, finalmente, recebeu o laudo do Transtorno do Espectro Autista, após tantas situações constrangedoras em que os médicos pediatras sempre diziam que o Antony não apresentava nenhum transtorno. Foi quando a minha mãe decidiu levá-lo ao neurologista pediatra. Em suas palavras, ela diz

*foi quando eu resolvi procurar o neuro, porque eu ia nos pediatras, e eles falavam que quando Antony fosse para uma escolinha, ele desenvolvia, ia desenvolver. Mas, essa conversa não me convencia, eu percebia que não estava desenvolvendo. Resolvi levar no neuropediatra, já na primeira consulta com o neuro, ele já foi diagnosticado com TEA.*

Joana diz em seus relatos como foi ao receber o laudo

*na verdade, só confirmou minhas suspeitas, né? por que eu já, pelas minhas pesquisas, pelas buscas que eu já tinha feito, assim... os sintomas eram muito parecidos, as características dele eram muito parecidas com o que eu lia. Então só foi para confirmar mesmo a minha suspeita. Claro que na hora que a gente recebe o laudo, é um baque, né? Tem aquele primeiro momento de... de tristeza, digamos, o período do luto, né? Mas, o meu luto logo passou. Senti uma sensação de alívio em descobrir o que realmente o Antony tinha, e a partir daí, poder ajuda-lo, eu vi que aquela era a condição*

*dele e que eu tinha que enfrentar. Minha preocupação era buscar o que, a partir de então, eu poderia fazer para ajuda-lo.*

E pouco tempo depois que Antony recebeu o laudo, começou a pandemia da Covid-19 e, com a pandemia, iniciou a quarentena. Todas as terapias solicitadas pelo neurologista, que ele já havia começado, tiveram que parar. Ele permaneceu um bom tempo nessa situação.

Então apesar do luto inicial após o laudo, ela se sentiu mais aliviada do que triste, pois finalmente descobriu o espectro que acompanha Antony. Foi persistente, pois muitas mães poderiam ter se conformado com a fala dos pediatras, que afirmavam ser apenas uma preocupação exagerada de uma mãe cuidadosa. Apesar de não serem especialistas na área, para muitas pessoas o poderio médico não tem discussão, ou seja, essas pessoas confiam prontamente no laudo, até mesmo por ser muito difícil aceitar que o filho pode ter alguma deficiência ou transtorno, por isso considero que ela foi bem persistente na busca de respostas que pudessem contribuir com o desenvolvimento de Antony. Já os amigos e parentes não acreditavam que o menino tivesse TEA.

Sobre os parentes e amigos, Joana faz alguns relatos:

*Os amigos e os parentes, não acreditaram muito, né? Nunca acreditaram. É... diziam que era coisa da minha cabeça, que era paranoia da minha cabeça, que o menino não tinha nada, que cada criança tinha seu tempo, aquelas coisas que a gente ouve, que as mães ouvem. Sempre [me falavam] que [ele] não tinha nada, aí quando veio o laudo... não mudou muita coisa, até hoje muita gente pensa que, que é invenção minha cabeça (risadas). As pessoas não dão muita credibilidade pro laudo, não, continuam, alguns, né? Os mais próximos sabem, sabem que ele tem, entendeu? Que ele tem realmente a doença, mas aqueles mais distantes ainda pensam que é eu colocando doença na criança. Mas, eu não dou ouvidos a essas coisas, não. O que eu tento, é buscar uma qualidade de vida pra ele, tentar ajudar ele da melhor forma possível, buscando apoios profissionais, terapias e médicos, buscando, é... dar uma qualidade de vida pra ele, hoje e futuramente.*

Sobretudo, juntamente com o laudo, vêm as preocupações, por isso ela diz em suas narrativas quais foram as preocupações iniciais, ela relata:

*a sensação de incerteza. Ele tem TEA. E, agora? Que eu vou fazer? O que preciso fazer? Como que eu posso ajudar? A melhor forma que posso ajudar? E nessa condição que a gente vive, em uma cidade pequena da região norte do país é ainda mais complexo, porque como o tratamento dele é à base de terapias que não encontramos em nossa cidade, o atendimento fica muito precário. Minha preocupação era em não conseguir ajuda-lo, da*

*maneira que ele precisa para ter um bom desenvolvimento, o melhor desenvolvimento possível.*

E ainda, foi nesse período que veio a quarentena, onde as terapias que já eram poucas, devido à localização, acabaram sendo todas canceladas. Foi mais um motivo de preocupação, juntava-se à falta das terapias, as aulas da escola que passaram a ser remotas.

Definitivamente, o Antony, desde que nasceu, ensinou muito. Ensinou, a olhar as coisas de outro modo, a vida, às pessoas, o mundo, nosso olhar precisou tornar-se mais maduro e sensível. Nas palavras de Joana:

*Ah... o Antony me ensinou muita coisa, ele me ensinou e me ensina a cada dia, é... principalmente a tolerância... tipo assim, a respeitar, a respeitar as pessoas, a entender cada um, é... Respeitar e entender as diferenças, é... um ensino assim, que a cada dia, a tolerância, né? A intolerância que as vezes a gente é muito intolerante, a gente não tem paciência, a gente vê alguma situação e não para pra pensar que a criança tem alguma coisa, que a criança pode ter algum problema, a ver com bons olhos, qualquer situação. Não julgar, não julgar pelo momento que você vê, pela situação que você vê, de criança fazendo birra, né? Criança da birra, desobedece e a gente não sabe e já vai julgando. Então, é principalmente essa parte da tolerância, a ser mais tolerante e não julgar, não julgar as situações.*

O caminho percorrido por Joana, é trilhado por muitas mães de crianças com autismo. São muitas as buscas e poucas as respostas.

### 4.3 Terceiro labirinto - Entrando na escola

Figura 9: Antony brincando com o Ábaco



Fonte: Registro da autora (2019)

Antony entrou na escola com cerca de dois anos e meio de idade. Passou a frequentar o CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) e a expectativa de Joana era de que ele desenvolvesse a fala e a comunicação, pois nessa época ele ainda não tinha o diagnóstico. Joana contava apenas com as falas dos pediatras, que diziam que o Antony não tinha nenhum tipo de limite. Em suas narrativas ela conta

*Na verdade, era de expectativa, né? Porque como os pediatras, os médicos, os clínicos gerais, me falavam que era normal de criança, apesar de ver que ali tinha uma condição diferente, eu ainda tinha essa esperança, né? Mesmo que remota, mas talvez que ele pudesse desenvolver. Então eu estava muito esperançosa. [E a escola de fato contribuiu para o seu desenvolvimento]. Sim, ele desenvolveu na escola um pouco, mais eu vi que não era suficiente, então a minha preocupação com ele na escola, não seria bem uma preocupação, seria uma expectativa dele reagir e ali ser só uma preocupação besta minha de mãe, que ele tivesse alguma coisa diferente.*

Durante esse período Antony não desenvolvia conforme Joana esperava, sofria as consequências da falta de laudo. Sem muito apoio, apresentava dificuldades iniciais, como a falta de interação social, a comunicação, que Joana faz questão de mencionar, “*ele tinha dificuldade em interagir nas brincadeiras com as outras crianças*”. Mas a sua permanência na escola presencial durou pouco tempo, cerca de dois anos, pois logo após iniciou a pandemia e as aulas passaram a ser remotas.

Figura 10: Imagens de Antony na escola



Fonte: Registro da autora (2018)

#### 4.4 Quarto labirinto - Ensino remoto

No ano de 2020 nos encontramos em uma situação de pandemia, devido à Covid-19, que afetou diversas áreas do nosso país, inclusive, fortemente, a educação e para não suspender a escolarização, optaram pelo ensino remoto, que é uma modalidade de ensino emergencial. As experiências de ensino remoto, com tantas mudanças de rotinas foram bem inquietantes e de difícil aprendizagem para todas as crianças, foram ainda mais complexas para as crianças com TEA. Foi também um momento delicado, dificultador de aprendizagem.

Esta situação aconteceu com o Antony, de quatro anos de idade. E Joana trás em suas narrativas como foi essa modificação do ensino presencial para o remoto para Antony e também para ela como mãe,

*Foi um desafio (respira fundo, quase um suspiro de tristeza). Foi desafiador né, porque com a criança com TEA tudo é mais difícil, então tinha que ser tudo no tempo dele, na hora dele, porque às vezes se tivesse uma aula com uma hora marcada, com vídeo, com coisas pra entrar, muitas vezes eu não conseguia, né? Porque ele não estava disposto naquele momento. Eu tinha que aguardar e fazer o vídeo depois e mandar pra professora, então foi bem desafiador.*

Como mãe, ela revela que também foi bastante difícil, pois era tudo muito novo para eles e ela não sabia como lidar com o Antony nessa situação.

*É... (Respira fundo) foi desafio, né? De tentar mostrar pra ele que ali, que ali ele tinha que participar, que era uma aula, né? Que é aula, que era uma coisa séria. A hora que pega o celular ele já achava que era uma brincadeira, que era pra assistir, que era pra ver vídeo, essas coisas, então foi difícil de fazer ele interagir ali, por um aparelho celular.*

Além disso, tinha o fato de ser uma nova turma, portanto a professora não o conhecia, e muito menos sobre o autismo. Para Antony, a situação era desesperadamente adversa ao que ele estava acostumado. Isso foi um grande limitador nesse processo, o menino não conseguia compreender tantas diferenças, não entendia nem que as situações que estava vivendo em seu processo educativo tinham relação com a escola. Desse modo, tiveram bastante dificuldade em lidar com Antony, em saber que atividade repassar, em como poderiam se aproximar mais dele, mesmo que de modo remoto. Foi um desafio até mesmo para as

professoras, mas principalmente para ele, com apenas quatro anos de idade e com TEA, sequer compreendia o que estava acontecendo.

Entretanto, no caso do Antony, as professoras, mesmo sem especialização, o acolheram e tentaram algumas alternativas, como por exemplo, a comunicação direta com a mãe, procurando saber como estava sendo o seu rendimento. Todavia, se houvesse o AEE nessa instituição, entendemos que o profissional procuraria novas formas que estariam ao seu alcance, para atender essa criança, além de que ela deveria conhecer o Transtorno do Espectro Autista, e isso já facilitaria o processo.

Joana apresenta relatos acerca de como as professoras lidavam com Antony e sobre o que elas faziam para ajudar no seu processo de desenvolvimento.

*É... o que a escola sempre fez, foi buscar a família, né? Buscar a gente, buscar a mim sempre e perguntando a melhor forma de lidar com ele, até porque era novo, até pra mim, né? Imagina pra eles. Então a gente agia em conjunto sempre que uma tinha dificuldade, agente se reunia, me chamavam, me ligavam, me mandavam mensagem e a gente ia trabalhando junto, pra tentar uma melhor forma de adequar pra ele.*

Já, em relação ao Atendimento Educacional Especializado, ela relata que não havia esse atendimento, “*era uma professora normal [sem especialização] que atendia [em] uma sala diferente com aulas lúdicas*”. Ele era acompanhado por duas professoras, da turma regular e uma da sala de recurso e elas sempre estavam dispostas a ajudá-lo, procuravam novas formas para contribuir para seu desenvolvimento, além de sempre manter contato com a mãe.

Em suas palavras Joana ainda relata,

*Olha, na escola sempre teve uma Sala de Recursos. Nas aulas remotas, de forma remota, as atividades eram elaboradas em conjunto com a professora da Sala de Recursos, então vinha as atividades adaptadas pra ele, algumas, né? As que... sempre...às vezes, antes de elaborar elas me mandavam mensagem, perguntavam o que ele gostava mais de fazer, qual era a melhor forma de trabalhar com ele, aí as duas desenvolviam juntas, alguma atividade, se viam que ele não ia conseguir resolver aí, elas adaptavam pra condição dele.*

Então, apesar de as professoras não serem especializadas, sempre procuravam a melhor maneira de desenvolver atividades para ele. Saber quais ele apresentava mais dificuldade, ou as que ele mais se interessava e as que não

interessavam de forma alguma. Porém, ressalto a importância do AEE para um acompanhamento mais efetivo.

Joana conta como ele se comportava frente a essas tarefas enviadas,

*Se fosse tarefa impressa...folha escrita pra pintar, é tranquilo, né? Agora, vídeo aula, essas coisas ele tinha dificuldade pra concentrar, pra parar, porque, se não fosse alguma coisa que interessasse ele, ele não queria ver, não queria assistir, não prestava atenção.*

Nota-se que Antony tinha muita dificuldade, pois ele pouco se interessava pelas atividades, apenas as que lhe chamavam mais atenção, que lhe despertavam um maior desejo. Esses são detalhes que fazem parte das características das crianças com Transtorno do Espectro Autista, elas possuem interesses restritos, logo não serão todas as atividades que terão desejo de desenvolver. E a mãe do Antony era bastante compreensiva nesse sentido, então ela conversava com a professora explicando a situação, que havia tarefas que ele não conseguiria realizar. Sempre esperava o tempo dele, tempo de se acalmar para realizar as atividades propostas.

A mãe do Antony menciona as atividades em que ele não apresentava interesse, que eram as atividades que envolviam reflexões, escrita, por exemplo, Joana teria que ler um pequeno livro para Antony e ele teria que dizer o que mais gostou da história, falar o que entendeu, ou desenhar a parte que gostou do texto, essas atividades ele não conseguia desenvolver e pouco se interessava. Em suas palavras, ela diz o seguinte:

*Exatamente essas vídeo-aulas, ele não prestava atenção. Aí ficava difícil de acompanhar com ele o desenvolvimento da aula escrita porque tinha um videozinho e pra dar seguimento na escrita [Atividades de interpretação de texto, ou frase] e aí por ele não prestar atenção, acabava que não conseguia desenvolver a tarefa.*

Já as atividades preferidas do Antony, eram atividades que envolviam pinturas, usar tintas, massinhas ou lápis de colorir. Joana relata: *“Pintura, sempre. As de pintar, ele gostava muito de pintar, então era as tarefinhas de pintar que ele gostava”*.

Figura 11: Imagens de Antony realizando atividades práticas durante a pandemia



Fonte: Registro da autora (2020)

Figura 12: Antony realizando atividades do ensino remoto



Fonte: Registro da autora (2020)

Algumas dessas fotografias foram tiradas para mandar para as professoras, como evidência de que atividade foi feita e em algumas nota-se que Antony estava disperso, ou que não estava muito empolgado com a atividade, enquanto em outras ele estava disposto a realizá-las. As atividades eram realizadas da forma que ele conseguia, a mãe e a irmã explicavam, demonstravam como deveria ser feita e ele fazia conforme a sua compreensão.



Figura 13: Antony realizando atividades do ensino remoto



Fonte: Registro da autora (2020)

Joana era a que mais acompanhava Antony durante as atividades do ensino remoto, pois geralmente a irmã também estava estudando, mas também, conforme sua disponibilidade acompanhava em algumas tarefas e o pai trabalhava em outra cidade, então pouco presenciava, porém sempre que tinha a oportunidade ele estava junto. Joana fala em seus relatos a respeito do pai de Antony,

*Muito raramente, muito raramente ele participa, porque ele trabalha em outra cidade e geralmente na hora, de desenvolver as atividades ele não estava aqui, mas quando estava, ele participava sim, eu fazia questão de pedir pra ele, pra ele ensinar, pra ele participar, mas, não participou mais por causa disso mesmo, porque ele fica a semana fora trabalhando.*

Figura 14: Antony realizando atividades do ensino remoto



Fonte: Registro da autora (2020)

Quando questionada sobre as impossibilidades e dificuldades do Antony durante o ensino remoto, Joana relata que teve sim impossibilidades, e ela justifica,

*... porque para uma criança com TEA presencial já é difícil, né? imagina pra ele entender que ali a gente tava estudando através de um aparelho eletrônico, então eu acredito que teve muito prejuízo, e [principalmente] em relação à interação social também dele, né? Porque lá na escola ele tava com crianças, tava participando e, no ensino remoto não tinha essa socialização, então pra ele foi bem prejudicial essa questão.*

Então ela considera que foi um prejuízo, era difícil para ele entender que estava em uma aula, pois para Antony a aula era apenas no espaço da escola, era o que estava acostumado e sem contar o convívio com outras crianças, que talvez pudesse colaborar com seu desenvolvimento em relação à interação social.

Figura 15: Joana com Antony



Fonte: Registro da autora (2022)

A respeito das possibilidades em tempos remotos, Joana afirma que não enxergou possibilidades, pois foi uma fase bastante difícil. Em suas palavras Joana revela

*De melhoras? Olha, assim pra o Antony eu não consigo ver um ponto positivo com relação a aula no ensino remoto, não, ou seja, era melhor do que nada, né? Porque ele tava de uma certa forma, tava tentando aprender ali, não parou, só uma forma de dizer que não tava parado, que não tava estudando, mas... boa, pra dizer que foi bom, coisa boa no ensino remoto não, foi tudo muito difícil, tudo muito complicado*

E não é difícil compreender Joana, pois se tratava de uma modalidade de ensino em que poucos conheciam e não sabiam como lidar. As crianças, os professores e a família sofreram com os tempos remotos e, em especial as crianças com Transtorno do Espectro Autista que já possuem limitações, mas sabemos que apesar disso, há possibilidades para eles. Ademais é compreensível que a mãe do Antony não consiga perceber avanços nesse período, diante desse cenário que ela vivenciou, pois assim como relatou várias vezes, foi muito difícil e com inúmeros desafios. Todavia, ela enfrentou bravamente e persistiu tentando ensiná-lo da melhor forma possível, pensando no desenvolvimento e no futuro do Antony.

## 5 (IN)CONCLUSÕES

Como já afirmamos acima, trabalhar com um tema como o autismo é um convite a novos questionamentos. Buscamos aqui apenas abrir uma janela, para que outras tantas pesquisas acerca do tema possam ser realizadas a partir de nossas provocações. A escolha por trabalhar com o Transtorno do Espectro Autista não foi uma escolha fácil, bem como a metodologia *História de Vida*, pois trata-se da história de meu irmão Antony, junto a nossa família e o modo desafiador de como enfrentamos o ensino remoto nos tempos de pandemia. A seguir conto um pouco de minha experiência e para finalizar o trabalho, teço considerações.

Eu, como irmã, fiquei muito feliz com a gravidez da minha mãe, desde o começo. Era filha única por parte de mãe e de pai e sempre sonhava em ter um irmão, e veio o Antony. Esse bebê era muito esperado por todos nós.

Assim, quando minha mãe passou a suspeitar de que houvesse algo diferente com Antony, eu não acreditava, pois em minha concepção ele parecia uma criança “normal”. Ela, atenta e preocupada, tentava nos convencer. Minha mãe sempre dizia: “mas autismo não tem cara”, porém na minha concepção uma pessoa com TEA teria uma aparência diferenciada. Hoje percebi que era desconhecimento, no sentido de não reconhecer, nunca havia pesquisado sobre o autismo. Com o passar do tempo compreendi que o meu irmão tem autismo, mas tinha um vago e longínquo conhecimento desse espectro, apenas pelas características que a minha mãe falava, não tinha nem curiosidade em pesquisar.

Somente quando decidi realizar essa pesquisa, o que não foi fácil para mim, pois tive que lidar com questões muito pessoais, que busquei mais conhecimento sobre o assunto. Minha decisão se deu por tudo que acompanhei do Antony. Senti, assim, a necessidade de falar sobre Transtorno do Espectro Autista e a partir daí precisei realmente pesquisar sobre o assunto. Hoje sinto que escolher esse tema foi a melhor decisão, pois finalmente eu conheci mais sobre o TEA e quando se conhece o espectro, a relação, o modo de agir, de se comunicar com a pessoa que possui o transtorno muda completamente. Atualmente, compreendo que se cada pessoa parasse e pesquisasse aos menos um pouco sobre o autismo, o mundo das pessoas com TEA, se tornaria um pouco melhor.

A princípio o pensamento da maioria das pessoas foi igual ao meu, também por ignorância, no sentido de não conhecer o autismo. Até hoje, como mãe diz,

alguns ainda não acreditam, contestam, todavia ela finge não se dar conta dos olhares e das falas preconceituosas e foi a melhor coisa que ela fez, focando apenas no desenvolvimento dele, no melhor para ele, sempre.

Durante o ensino remoto, notou-se o quanto foi desafiador para Antony e para nós que o acompanhamos, principalmente minha mãe, bem como para as professoras, mas percebi o quanto essa união entre a família e escola foi necessária. Ratifico a importância das professoras do Antony nesse período, que mesmo sem especialização o acolheram e tentaram o ajudar de várias formas, foram boas profissionais. Temple Grandin (2006) enfatiza a importância de ter bons professores, principalmente para pessoas com TEA, “quero terminar dizendo que professores realmente bons valem seu peso em ouro. Uma das razões pelas quais tenho sido bem-sucedida é porque tive ótimos professores.” (GRANDIN, p.233, 2006). Ressalto novamente a importância do AEE, que é extremamente necessário, mas ter bons professores na sala de aula regular não é de menor importância.

É imprescindível destacar que não cabe a vocês leitores e nem a nós comparar pessoas com Transtorno do Espectro Autista, comparar o Antony com alguma pessoa que vocês conhecem "pois cada sujeito é único e por isso reage de maneira singular." (RIBEIRO, RIBEIRO, 2016). Portanto compreende-se que nem sempre os autistas são iguais, possuem especificidades e características distintas, assim como a Temple (2006) cita acerca do pensamento visual,

Quando escrevi *Pensando em imagens* pela primeira vez, pensei que todo mundo no espectro do autismo era um pensador visual. Agora eu sei que não é o caso. Ao conversar com muitas pessoas de alto funcionamento no espectro, aprendi que a maioria das pessoas no espectro do autismo tem cérebros especializados. Alguns são péssimos em pensamento visual e outros são gênios em traduzir uma língua estrangeira. (GRANDIN, p.231, 2006)

Em suma, os autistas são muito diferentes entre si, cada um com sua singularidade e, apesar de terem muitas dificuldades de interação social, eles também possuem muitas possibilidades. Ademais, cada um está inserido em uma cultura familiar e da comunidade mais próxima, tem gostos e desgostos próprios como qualquer outra pessoa. Portanto, não são o TEA, embora seja inegável essa presença em suas vidas.

Ao socializar vivências com Antony não queremos dar receitas a ninguém, mas, com nossas incertezas, amenizar a solidão de quem tem alguém querido com

TEA e se sinta, como muitas vezes nos sentimos, em labirintos intermináveis a busca de respostas que não vêm prontas, que se constroem cotidianamente no amor e na confiança e na aposta, antes de tudo no potencial criativo do ser humano. Antony nos dá a mão e ensina diariamente.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia et al. O Método das histórias de vida na investigação qualitativa em psicologia. In: **CIAIQ 2016**, v. 2, 2016.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**, v. 45, 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Construção e Transmissão da Experiência nos Processos de Aprendizagem e de Formação. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, vol. 19, no. 62, p. 695-710, julio-septiembre de 2014

GRANDIN, Temple. Perspectivas sobre a Educação de uma Pessoa no Espectro Autista. In: **Educational Horizons**, v. 84, n. 4, pág. 229-234, 2006

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MIRANDA, Luana Rosa; DE FARIA, Simone; PEREIRA, Cláudio Alves. Antigas demandas, novos tempos: análise da Educação Especial em Goiás e Tocantins. **Linhas Críticas**, v. 28, p. 2-17, 2022.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista Histedbr on-line**, v. 9, n. 33, p. 78-95, 2009.

RIBEIRO, Lóry da Silveira; RIBEIRO, Elisabete da Silveira. Breve Análise do Transtorno do Espectro Autista no Contexto da Educação Escolar. **Revista Didática Sistêmica**, v. 18, n. 1, p. 43-55, 2016.

VASCONCELOS, Francisco Ullissis Paixão e. **Educação Infantil**. Sobral: INTA, 2016.

VASQUES, Carla Karnoppi. **Alice na biblioteca mágica: uma leitura sobre o diagnóstico e a escolarização de crianças com autismo e psicose infantil**. [Tese de doutorado], Porto Alegre: UFRGS, 2008.

ZANON, Regina Basso; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 30, p. 25-33, 2014.